

Sara Kali: A representatividade negra no templo cigano Devlesa Avilan

 <https://doi.org/10.56238/sevened2023.002-013>

Luana Maria Sousa Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura- UESPI. Universidade Estadual do Piauí.

Luciano Silva Figueirêdo

Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Universidade Estadual do Piauí.

Virna Rodrigues Leal Moura

Mestre no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura- UESPI. Universidade Estadual do Piauí.

Janáina Alvarenga Aragão

Doutora em Gerontologia Biomédica pela Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul-PUCRS. Universidade Estadual do Piauí.

Laéssio Alvarenga Aragão

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura- UESPI. Universidade Estadual do Piauí.

Carla Ledi Korndörfer

Doutora em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

Universidade Estadual do Piauí.

Maria da Vitória Barbosa Lima

Pós-doutorado pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Universidade Estadual do Piauí.

Gustavo de Andrade Durão

Pós-doutorado pela Universidade Federal Rural de Janeiro-UFRRJ. Universidade Estadual do Piauí.

Yana de Moura Gonçalves

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Universidade Federal do Piauí.

Evandro Alberto de Sousa

Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Universidade Federal de Pernambuco.

Jesus Vênus Silva Costa

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente, Associação Plena em Rede pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Instituto Federal do Maranhão-IFMA.

RESUMO

Cada povo da humanidade possui sua própria história e diferentes maneiras de sentir o mundo, que em algum tempo se conectam com outros povos. Entre as andanças que remetem ao povo cigano e ao encontro com diversas culturas se tem a presença de Santa Sara Kali, em romani linguagem de origem cigana significa negra, é cultuada em algumas etnias ciganas. O objetivo da pesquisa em pauta consiste em refletir a representatividade negra no templo cigano Devlesa Avilan através da simbologia de Sara Kali. Dessa maneira, recorreu-se ao uso da observação participante e o auxílio do registro do diário de campo. Além disso, foram utilizados materiais bibliográficos e documentais, bem como o uso de entrevistas semiestruturadas. Entre os elementos que constituem as expressões de representação negra temos as seguintes questões: fé, tolerância e representatividade.

Palavras-chave: Ciganos, (In)tolerância, Cosmologia.



1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, somos constituídos por um conjunto de seres plurais múltiplos e complexos de ordem coletiva e individual que formam diferentes povos, culturas e símbolos. Cada povo da humanidade possui sua própria travessia e multiplicidade de relações de complementaridade, hierarquia e poder, além de diferentes maneiras de sentir o mundo, que em algum tempo se conectam com outros povos de diversas temporalidades e dimensões (Le Goff, 1990).

Entre oriente e ocidente temos os povos de origem nômades: Os ciganos. De origem incerta, algumas pesquisas contemporâneas apontam uma suposta origem do Noroeste da Índia, no qual a sua peregrinação estava associada a não submissão ao sistema de castas (Acton, 1974; Liégeois, 1987). Em contrapartida, outros estudos sugerem que o território indiano serviu apenas como passagem da caminhada cigana (Moonen, 2013; Fraser, 1992; Hancock, 1987).

Hancock (1987) descreve que os ciganos são descendem de uma casta de guerreiros, os *Rajputs*, que foram trazidos para a Europa contra sua vontade. Devido à escassez de documentos não sabemos o que de fato motivou a imigração dos ciganos, no entanto, pesquisas afirmam que foi um processo heterogêneo, visto que, no final do século XV, os ciganos faziam parte do cotidiano europeu (Karpowicz, 2018; Fraser, 1992; Moonen, 1999). A falta de informações sobre a origem dos peregrinos foi essencial para alimentar e temperar a imaginação da sociedade europeia (Moonen, 2013).

Na modernidade o termo cigano está relacionado a um conjunto de etnias e cada grupo ou subgrupo que constitui o universo cigano entre diferenças, no modo de ser, e agir que fogem de um padrão imagético definitivo e absoluto (Karpowicz, 2018). Apesar da ressignificação, ao longo do tempo, ainda é evidenciado no cotidiano conceitos tendenciosos a eternos preconceitos no imaginário coletivo da sociedade predominando geralmente um olhar superficial e etnocêntrico (Rezende, 2000; Moonen, 2013).

A supremacia do olhar do “outro” é perceptível através da criação e perpetuação dos estereótipos ciganos desde suas vestimentas, de forma exótica e colorida, ao modo de vida nômade. Além das disseminações de lendas e pragas pecaminosas que desde a Idade Média até a atualidade, são fixadas como verdade absoluta, principalmente, na sociedade ocidental, silenciando os olhares ciganos (Moonen, 2011; Cressy, 2018).

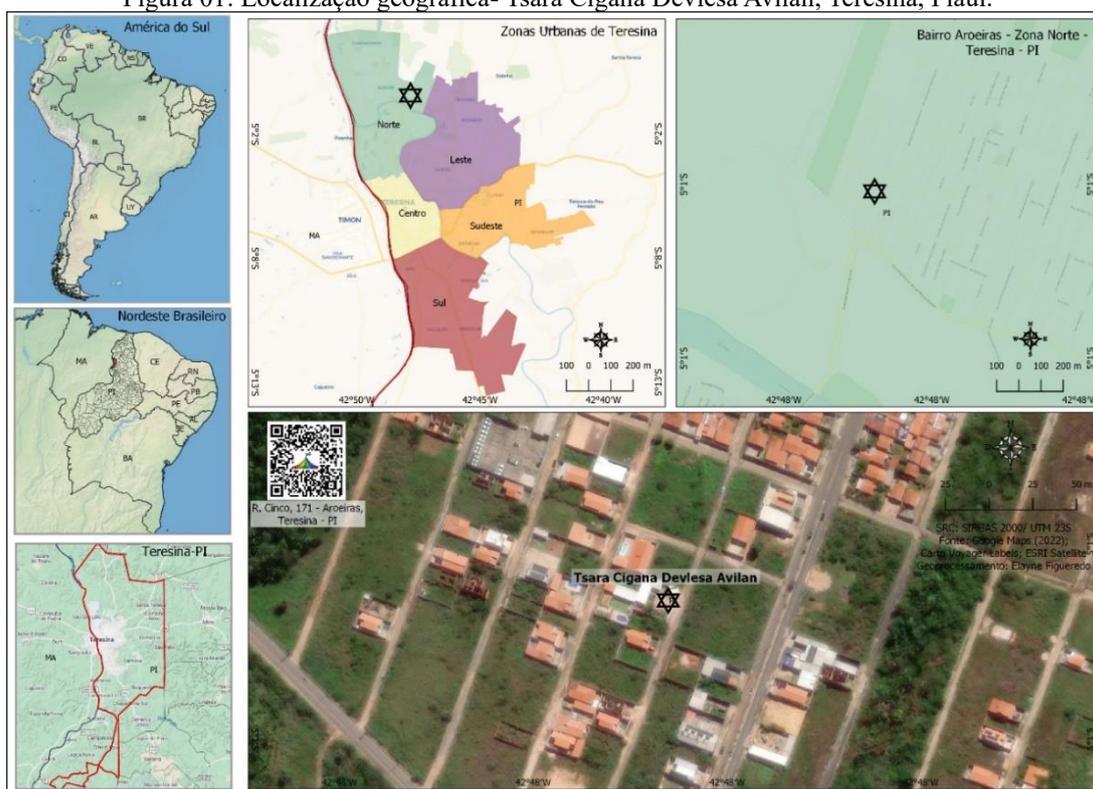
Na busca de criar mecanismos que fortaleçam os lugares de fala e espaços de diálogos entre diferentes olhares, destacam-se os estudos de Spivak (2010), que entre as teorias contemporâneas pós-coloniais, define o termo subalterno como aquela pessoa que não tem lugar de fala, silenciados diante das representações políticas, e que constantemente são moldados a partir de um modelo padronizado, ocidentalizado e imperialista, os não assimilados, do sistema dominante. Para Spivak (2010), é fundamental o avanço de vozes dos sujeitos subalternos na condição de protagonistas, para que se crie espaços de diálogos, como ferramenta de descolonização de saberes e poderes.

Assim, o objetivo do presente estudo é refletir a representatividade negra no templo cigano Devlesa Avilan através da simbologia de Sara Kali e buscar fortalecer os múltiplos olhares sobre a temática em questão o local de pesquisa é o templo cigano Devlesa Avilan, traduzido da língua Romani para o português, significa “*Deus quem te trouxe*”, localizado na cidade de Teresina- Piauí, que trabalha ativamente com elementos da filosofia cigana destacando o culto a Sara Kali mulher, escrava, fugitiva, parteira, milagrosa, santa e negra (Gomes, 2020).

2 METODOLOGIA

O templo cigano Devlesa Avilan, foi criado em dezembro de 2015, com orientações das Tsaras Filhos do Sol e da Lua; Sociedade Esotérica Rojó e Tsara Barranom Kali Romani tendo como dirigentes o Mestre Ratói Osvaldo Amarante, e Pai Willian de Ogum que trabalham com as elevações espirituais através do conhecimento das magias e doutrinas universais, desenvolvendo a filosofia cigana (Santos, 2021). A Tsara Devlesa Avilan possui estrutura física na cidade de Teresina – Piauí precisamente apresenta latitude: 5,037178°S e longitude: 42,792717°.

Figura 01: Localização geográfica- Tsara Cigana Devlesa Avilan, Teresina, Piauí.



Fonte: Elayne Figueredo.

Nos anos iniciais todas as atividades eram realizadas no Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola (C.E.U.), localizado no bairro residencial Paulo de Tarso, zona norte de Teresina, quadra Q, casa 31. No ano de 2016, no mês de abril, aconteceu a primeira festa cigana. Em oito anos



de existência foram vários os desafios, dentre eles a construção da sua própria sede que foi iniciado no ano de 2018 localizado no bairro Aroeiras rua cinco 171, na cidade de Teresina, Piauí (Figura 01).

O primeiro contato com o templo cigano Devlesa Avilan ocorreu no ano de 2016 em um acampamento (evento externo a Tsara/templo) próximo a minha residência situado na zona sul da cidade de Teresina. Recebi o convite através de um amigo. Depois desse primeiro contato passei dois anos frequentando a casa mensalmente sem compromisso mediúnico somente no dia 5 de agosto do ano de 2018 entrei definitivamente para a corrente. Atualmente sou uma médium, irmã e filha do cigano Pablo (Barô da casa).

As observações e registros foram coletadas durante os meses de agosto a novembro do ano de 2023, no qual, foram realizados registros de campo, observação participante e entrevista semiestruturada. Com a finalidade de atingir o objetivo dessa pesquisa que consiste em analisar a representatividade negra no templo cigano Devlesa Avila através da simbologia de Sara Kali foi realizada uma única entrevista, no qual, a entrevistada, se reconhece como mulher negra. No recorte a respeito dos estudos sobre racismo cotidiano foram selecionadas três pesquisas: Beatriz Nascimento (2021) Gonzalez (2020) e Kilomba (2019).

As entrevistas semiestruturadas, no qual ocorre um misto entre perguntas fechadas e abertas, surgindo a possibilidade de potencializar a dinâmica de temáticas. A pesquisa é de cunho qualitativa organizada em etapas organizadas que dão origem a um ciclo de pesquisa que possibilita o processo investigativo (Gil, 2008). Minayo (2009) sugere que é uma etapa de início a partir da exploração no qual se limita o objeto a ser estudado para poder ter um desenvolvimento teórico e metodológico, construindo hipóteses ou pressupostos que auxiliam na definição de instrumentos de operacionalização do trabalho em campo.

Vale ressaltar que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas após a aprovação do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí através número 6.221.875 e foram aplicadas por etapas onde todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando o ciclo da casa, em dias sem atividades espiritualistas ou socioculturais, seguindo uma ordem de hierarquia dentro do templo.

3 SARA KALI UMA SANTA NEGRA

Ciganos, como mencionamos anteriormente, tem sua origem nômade e sua essência difundida através da oralidade da língua romani. Conforme os primeiros relatos sobre religião e fé, os ciganos, eram descritos intimamente interligado ao seu modo de vida, no qual a conexão com o sagrado, inicialmente, não era escrita em livros e sim passada de geração em geração através da oralidade evidenciando os elementos da natureza junto com a crença em Deus (Asavei; Bushnell, 2023).

Grellmann (1783) e Pabanó (1915) apontam que no imaginário não cigano o fato de os não



possuírem uma religião específica, e terem o hábito de absorver a religiosidade de determinada região, mesclada com as práticas do cotidiano interligado a elementos da natureza, ocasionou desconfiança e estranheza. Através de uma lente estreita, os olhares da sociedade europeia, para as mulheres ciganas, repleta de conceitos absorvidos de lendas e mitos, no qual, instantaneamente, atribuíram títulos de bruxas e feiticeiras, principalmente, com a prática da quiromancia ou leitura de mão em praças públicas.

Dessa forma a crença em Deus foi questionada e até hoje, no imaginário popular é comum a pergunta: ciganos é uma religião? Atualmente a maioria dos autores defendem o fato de não existir, uma única religião específica entre os povos ciganos (Jimenez, 1975; Ramirez, 1972). No entanto, isso não significa que não creem em Deus, pelo contrário, a palavra *Devles* na origem romani, dialeto dos povos ciganos, significa Deus, é um dos vocábulos mais difundidos no cotidiano, independentemente de seu grupo étnico ou país, prevalece como um termo de unidade comum, carregando diversas formas de religiões no sentido plural da palavra. Os ciganos são frequentemente devotados a Deus, e eles entendem a religião em um sentido mais amplo da palavra do que os cristãos (Asavei; Bushnell, 2023).

Entre os elementos que expressam a fé temos a representação negra e cigana de Sara Kali, apesar de ser frequente suas inúmeras lendas da cosmologia cigana. Em algumas regiões também é conhecida popularmente como, Madona Negra ou Santa Sara Kali, existem relatos, que ela foi canonização entre os anos de 1700 e 1705, sendo não oficializada pela Igreja Católica apesar de ser uma santa popular entre os católicos (Gomes, 2020; Asavei e Bushnell, 2023).

A lenda mais popular remete ao fato de Sara ter sido escrava de uma das três Marias, Madalena, Jacobé ou Salomé, sendo convertidas ao cristianismo foram perseguidas, colocadas em um barco sem remos e jogadas no mar mediterrâneo. Apesar do desespero, Sara não perdeu sua fé, e retirou o *dikló* da cabeça, e prometeu que, se todos se salvassem, ela seria escrava de Jesus e que jamais andaria com a cabeça descoberta. Todos foram salvos, resgatados e acolhidos pelos moradores de *Saintes Maries de La Mer*, todos os de cor branca foram bem acolhidos. Sara que era negra foi excluída e resgata pelos ciganos que mantiveram uma ligação de proteção mútua, mesmo após a sua morte (Gomes, 2020; Grossmann Cairus, 2022; Lanzarini, 2018).

Os ciganos passaram, então, a recorrer com pedidos àquela por quem intercederam; e esta, em retribuição, intercedia por eles. Sara, benquista pelos ciganos em vida, os atendia realizando milagres após sua morte. Sara se tornou, assim, Mãe e Rainha dos Ciganos. E, segundo os que creem na assunção dessas funções, cuidava do seu povo, protegendo-os dos muitos desafios e perseguições que enfrentavam – e ainda enfrentam – em suas andanças pelo mundo. Santa Sara recebia, em pagamento aos milagres e cuidados destinados aos ciganos, as preces e as práticas de agradecimento devocional do seu amado povo (Gomes, p.07, 2020).

Santa Sara, também conhecida como Sara-la-Kali (“Sara, a Negra”) conforme Grossmann Cairus (2022), sua origem remete ao antigo Egito, na condição de Rainha que numa visão, teria identificado os evangelizadores que mais tarde foram acolhidos por ela e seu clã, as margens do Mar

Mediterrâneo. A representação de Sara Kali faz sua primeira aparição no livro de Vincent Philippon, na Lenda de *Saintes-Maries* (1521), onde ela é retratada como uma mulher caridosa que ajudou as pessoas ao coletar esmolas, o que levou à crença popular de que ela era cigana (Gomes, 2020; Grossmann Cairus, 2022). Entre as lendas, os ciganos *Sinti*, etnia cigana, relatam Sara Kali, era uma sacerdotisa cigana iniciada nos quatro elementos (fogo, água, terra e ar) que realizou o acolhimento das três Marias. A partir do encontro absorveu elementos religiosos cristão e difundiu a fé entre os ciganos sendo um local sagrado de devoção e magia (Grossmann Cairus, 2022). Existe outra lenda que aponta que Sara Kali é filha de Jesus e Maria Madalena que foi lançada ao mar no litoral francês.

No Brasil as atribuições a devoção a Santa Sara Kali, situa-se nas práticas religiosas de acordo com os grupos étnicos (Rom, Sinti ou Calons) e suas influências culturais locais. A devoção a Sara Kali foi difundida através de lendas europeia, podendo ser cultuada entre as comunidades individualmente ou com o sincretismo através de uma santa local, por exemplo, Nossa Senhora Aparecida, por meio das igrejas católicas, ou em novos espaços, principalmente, por meio da Umbanda e posteriormente com a fundação das Tsaras ou templos (Lanzarini, 2018).

O termo Tsara em Romani pode ser traduzida como tenda, por extensão casa e na religião está associada a palavra templo, que vem do latim *templum*, espaços de manifestação da fé. Conforme Silva (2018) templo pode ser entendido como território religioso sagrado formando, ao longo do tempo e espaço, um processo de resistência cultural transmaterial. Eliade (1992) descreve que desde nas grandes civilizações orientais da Mesopotâmia, Egito, China e Índia, os templos carregavam consigo uma espécie de abertura para o alto em uma espécie de comunicação entre os Deuses, funcionando de ponte entre a terra e o céu em um modelo transcendente sagrado. Objetos, grutas, rios, árvores, mares, também podem ser considerados espaços de valores sagrados que funcionam no mesmo sentido do templo, portanto, espaço de um templo não pode delimitado fisicamente.

O templo cigano Devlesa Avilan, foi criado em dezembro de 2015, com orientações das Tsaras Filhos do Sol e da Lua; Sociedade Esotérica Rojó e Tsara Barranom Kali Romani tendo como dirigentes o Mestre Ratói Osvaldo Amarante, e Pai Willian de Ogum que trabalham através do conhecimento das magias de cura físicas, mentais, espirituais e medicinais acompanhada das doutrinas universais, desenvolvendo por meio das elevações espirituais junto a filosofia cigana. Além disso, também trabalham com elementos da cultura cigana, com as danças, músicas e oráculos, a fim de contribuir ativamente na busca de novos olhares, que fujam de preconceitos, intolerância e fanatismo de ordem espiritual, material ou cultural (Santos, 2021).

No templo cigano Devlesa Avilan, assim como em diversas regiões do mundo, entre os dias 24 e 25 de maio, anualmente, ocorre *Slava* festa ritualística em homenagem a Santa Sara Kali. Os preparativos acontecem dois meses antes envolvendo a comunidade local, médiuns e amigos da casa.

Através do sagrado feminino são realizados rituais e magias em louvor e adoração, a santa negra, reconhecendo sua luta e resistência representando o povo cigano até hoje.

Figura 02: Santa Sara Kali.



Fonte: Luana Sousa (Arquivo pessoal).

A representação física da imagem de Sara Kali por ser uma santa negra, pode causar certo espanto ou estranheza, principalmente, entre os primeiros olhares. Sendo comum tais questionamento: Ela é morena? É uma santa negra? Ela é indiana? Ela foi queimada? (Santos, 2021). Apesar das dúvidas e inquietações também há sentimentos de conexões e representatividade imediata:

E se você pensar que ela é uma Santa negra e o tanto de humilhação que a gente passa todos os dias, independente da nossa cor, imagina quando você é negro? É, foi inevitável eu me conectar com ela, me sentir, de certa forma, representada por ela, sou negra, e na igreja católica você só tem uma Santa negra, as igrejas vão mais para nossa senhora, uma mulher branca e outras santas que são brancas do que para ela, né? E aí, quando eu cheguei vi eu lembro que a primeira vez que eu a vi, eu meio que me assustei justamente pelo fato dela ser negra (Lopes, 2023).

É interessante perceber que na descrição acima é perceptível que a maioria das imagens representam mulheres brancas santificadas em um eterno branqueamento cristão europeu. Assim, assimilamos valores ocidentais em atos subjetivos em nosso cotidiano sendo o racismo uma supremacia branca elementar do colonialismo (Kilomba, 2019). Santa Sara Kali pode ser representada pela diferença de não ser branca tais diferenças estão interligadas a valores de hierarquias ao longo da história, política, sociedade e economia (Nascimento, 2021; Gonzalez, 2020; Kilomba, 2019).

Entre os relatos de alguns médiuns da casa Sara Kali pode ser uma inspiração de vida “Ela é não só uma Santa que eu cultuo para fazer pedidos, mas uma Santa que eu cultuo por ser uma inspiração para minha vida” (Lopes, 2023). Assim, Sara Kali representa a força, resistência e fé cigana é considerada uma santa apesar de não canonizada, também é protetora de mulheres grávidas e associada a devoção aos povos ciganos, sendo cultuada, em ordens espirituais, quanto em ativismo político. Político no sentido de representar uma mulher negra, fornecendo uma visão moral através da mediação da espiritualidade e da religião não institucional (Asavei; Bushnell, 2023).

No entanto o olhar de fora nem sempre é tolerante. No cotidiano em situações diárias são comuns as percepções do racismo camuflado, gerando dúvidas quanto a intencionalidade de ofender ou não, no qual são perceptíveis estratégias defensivas.

Primeiro que quando a gente sai do templo ou vem para o templo vestido de branco ou com as roupas ciganas as pessoas olham ... Os ubers, por exemplo, eles olham. Tipo semana passada peguei um Uber, eu estava toda de branco, ele perguntou se eu estava em qual nível da capoeira. Eu disse: - no rito iniciante (para não ter problema). Eu não sabia se ele queria jogar alguma coisa ou se realmente estava perguntando sobre a capoeira. Outra vez na parada de ônibus falei sobre Santa Sara Kali e a senhora passou horas tentando me converter na religião crista correta (Lopes, 2023).

Beatriz Nascimento (2021) Gonzalez (2020) e Kilomba (2019) sintetizam que as relações interraciais no Brasil são amenas, visto que, as manifestações de preconceito racial se manifestam de forma sutil através de uma tolerância camuflada. O preconceito racial contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil que se reveste de uma certa tolerância, e nem sempre é possível percebermos até onde se dá a intolerância do outro. Nesse sentido, Kilomba (2019) o racismo cotidiano refere-se a todo o vocabulário, discurso, imagens, gestos e ações que coloquem o sujeito negros e as pessoas de cor não só como outra (o) mas também como outridade, isto é, como personificação dos aspectos reprimidos da sociedade branca.

Gonzalez (2020) justifica que no Brasil o racismo aberto ou racismo disfarçada são fortalecidos através de duas concepções ideológicas na formação de representação do negro: a democracia racial e o branqueamento. A democracia racial que foi difundida no imaginário social, a partir das análises dos estudos, de Gilberto Freyre constituído uma perspectiva única e oficial, no qual, defende a ideia de não existir racismo no Brasil. Já a questão do branqueamento, temos a miscigenação como ferramenta que fortalece a suposta superioridade branca. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de sujeitos subordinados os valores brancos ocidentais são únicos verdadeiros e universais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tu que és a única santa cigana no mundo, é assim que se inicia a principal oração a Santa Sara Kali, que tem o título de santa, apesar de não oficializada na Igreja católica, mas se faz presente



universalmente desde as consagradas catedrais cristãs europeias aos terreiros de Umbanda e Tsaras. Tu que sofrestes todas as formas de humilhações e preconceitos, o segundo verso, representa Kali, com sua essência negra, marcada pela diferença da cor, andando entre: exclusão, racismo e intolerância que até hoje se faz presente no cotidiano de forma explícita, violenta ou camuflada. Como visualizar tal camuflagem? Através da própria luz negra, visto que, já tentaram e ainda tentam nos iluminar com a luz branca, padronizada, ocidentalizada e imperialista.

Assim a imagem de Sara Kali pode representar uma mulher negra na condição de protagonistas caminhando entre territórios espirituais e políticos, servindo como ferramenta, de luta contra a intolerância e racismo, a fim de contribuir na descolonização de saberes e poderes.



REFERÊNCIAS

- ASAVEI, M. A; BUSHNELL, A. M. Feminist spirituality and Roma artistic activism: the Afterlife of the uncanonised Saint Sara Kali, *Identities*, DOI: 10.1080/1070289X.2022.2061809. ,2023.
- ELIEDE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo.: Martins Fontes, 2012.
- FRASER, A. *The Gypsies*, Blackwell, Oxf, 1992.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, C. S. A. Os ciganos, peregrinos eternos nas estradas do mundo: Saint Marie de L Mer é seu lugar. *Dossiê turismo: entrecruzamentos de cultura, memória e desenvolvimento*. Volume 8. N 1. 2020.
- GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.
- GRELLMANN, H. M. *Die Zigeuner*, Dessau, Leipzig. 1783.
- GROSSMANN CAIRUS, B. Dia de santa sara: imagem e representação espiritual e etno política do cigano brasileiro. *SIWÔ' Journal of Theology/Journal of Socio-religious Studies* , v. 15, não. 2 P. 1-20, 1º de julho 2022.
- HANCOCK, I. *The Pariah Syndrome*, Publisher,1987.
- HANCOCK, I. *We are the Romani people*. University Hertfordshire Press, 2002.
- JIMENEZ, P. *Mentalidad religiosa de los gitanos*. Pomezia, 1975.
- KARPOWICZ, D. S. *Ciganos: Histórias, Identidade e Cultura*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- KARPOWICZ, D. S. *Ciganos: Histórias, Identidade e Cultura*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: LANZARINI, R. *Sob o manto de Sara Kali: fé cigana à luz da umbanda*. Ituiutaba/ MG. V. 1, 2018.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1990.
- LIÉGEOIS, J. P. *Gypsies and Travellers*. Stranbourg, Council of Europe, 1987.
- LOPES, S. Entrevista concedida a Luana Maria Sousa Santos. Teresina, 05 de Out. 2023.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* 14ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.
- MOONEN, F. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3ª ed. Recife. 2013.
- MOONEN, F. *Atrás do muro invisível: crenças, tradições e ativismo cigano*. 1ª ed. São Paulo. Editora Bandeirantes, 2011.
- MOONEN, F. *Rom, Sinti e Calon: Assim são chamados ciganos*. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 1999.



NASCIMENTO, B. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RAMANUSH, N. Cultura cigana, nossa história por nós – partes I e II. Embaixada Cigana do Brasil “Phralipen Romane”. Fundação Biblioteca Nacional – MEC. 2011.

RAMIREZ, J. D. Nossotros los Gitanos. Ediciones 29. Barcelona, 1972.

REZENDE, D. F. Transnacionalismo e Etnicidade – A construção simbólica do Romanesthàn (nação cigana). 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SANTOS, L. M. S. O templo Devlesa Avilan: representações ciganas em Teresina (2015 -2020). 2021. 114p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Centro de Educação Aberta e a Distância- CEAD- Castelo do Piauí.

SHIMURA, M. I. Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante. Maringá, Paraná, 2015.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Editora UFMG, 2010.